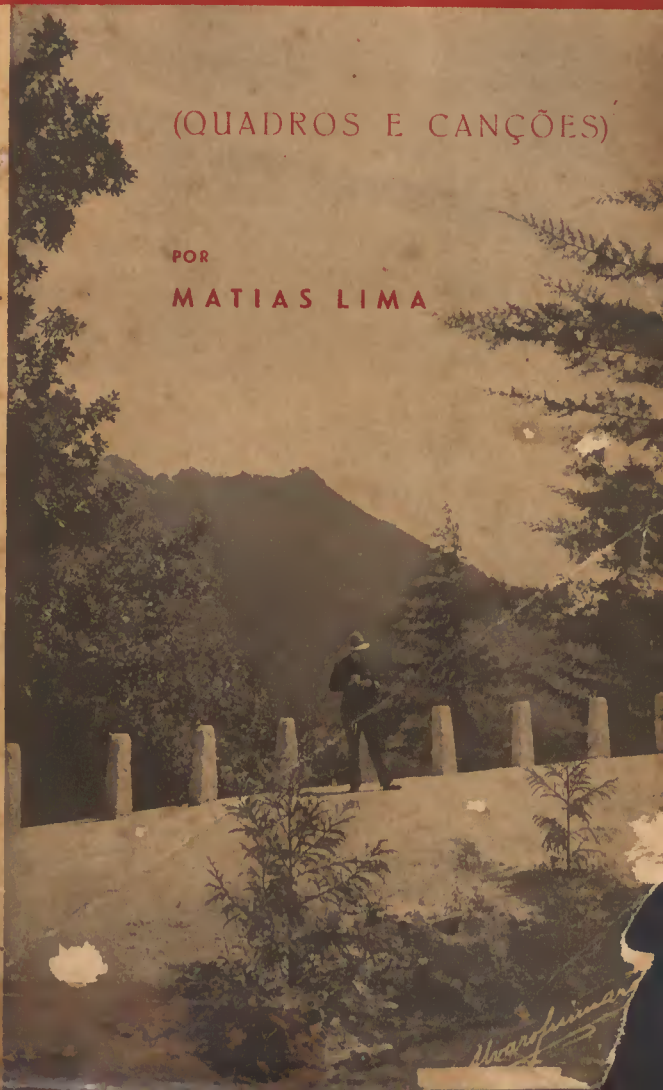


# GEREZ

(QUADROS E CANÇÕES)

POR

MATIAS LIMA



*Matias Lima*



Fto por Dr. Cezar  
Cezar, notável poeta,  
mentar, em os raíd.  
cos e homenagens  
de Volio & Lima  
G E R E Z

= Anais de 1959 =

Poesia Portuguesa

24276

106

## DO AUTOR

### VERSO:

- Canções*, 1904 (esgotado).  
*Flores do Monte*, 1906 (esgotado).  
*Sol do Coração*, 1914 (esgotado).  
*Pela Pátria!*, 1916 (esgotado).  
*Vergel Florido*, 1917.  
*Medalhões Nacionais*, 1918 (esgotado).  
*Luar de Sonho*, 1922.  
*Raça Heróica*, 1923 (esgotado).  
*Alma Dispersa*, 1926.  
*Dor Eterna* 1932 (fora do mercado).  
*Gerez*, 1939.

### PROSA:

- A Vida e o Amor*, 1921.  
*Super-Libros Portugueses Inéditos*, 1927.  
*A Encadernação em Portugal*, 1933.

MATIAS LIMA

DO INSTITUTO DE COÍMBRA

# GEREZ

(QUADROS E CANÇÕES)



FAMALICÃO  
GRANDES OFICINAS GRÁFICAS  
«MINERVA»

—  
1 9 3 9

3 E R E N

*AO SENHOR*

*EDUARDO HONÓRIO DE LIMA,*

*GRANDE BENEMÉRITO DO GEREZ.*









## GEREZ

*O' Gerez do Cabril e Pedra Bela,  
coroado de sol, águias reais!  
Gerez das altas serras — cidadela  
de rochas fortes, morros colossais;*

*Gerez da Borrageira e da Portela  
com horizontes de ouro, magistrais,  
e um rio lindo, em risos de aguarela,  
a correr entre prados e olivais;*

*Imponente Gerez, que o céu atinges  
em ímpetos de audácia e de grandeza;  
— O' Gerez das paisagens tão estranhas!:*

*A ti consagro o canto; a ti que cinges  
esta amorosa terra portuguesa  
no abraço formidável das montânhas!*



## VIDA IDEAL

Por estas ermas paragens  
componho risonhas trovas;  
leio o livro das paisagens  
que tem sempre coisas novas.

Desde o romper do arrebol  
— que vida isenta de mágoa! —  
passeio com o irmão Sol  
e falo com a irmã Água...

Sob o arvoredado campestre  
evoco a musa, com brio.  
Eu tenho aqui um bom mestre:  
— êste amigo, claro rio.

Pois dá-me, embora a correr,  
essa emoção e harmonia  
sem a qual não pode haver  
verdadeira poesia.



A esta paisagem me prendo  
com um affecto sincero;  
mais a vejo, mais a entendo,  
e cada vez mais lhe quero.

Como ela resplende e brilha,  
em tôda a nobre alvizez!  
Paisagem de maravilha,  
a paisagem do Gerez!

— Meus pintores, se vós vísseis  
todo o seu encantamento!  
Buscais assuntos difíceis?  
Trazei tintas e talento.

Vinde a estas terras estranhas.  
Não há cruzeiros, nem adros...  
Mas belas, altas montanhas,  
que darão soberbos quadros!

## SERRANA

Hora do entardecer, hora confusa.  
À luz magoada e doce do horizonte,  
na bôca uma canção, na mão a infusa,  
passa a esbelta serrana para a fonte.

Olhar celeste, que bondade acusa;  
corpinho a abrir... — ninguém com êle contel!  
Se outras se entregam, ela se recusa,  
honestá e pura como a flor do monte.

Entre verdes, amigos arvoredos,  
corre-lhe a vida; salta nos fraguedos,  
dorme na relva como em bom lençol.

Anda sòzinha, sem que nada a afoite.  
Ei-la, lá vem de volta! E' quási noite,  
mas onde passa, quanto dia e sol!

## HINO ÀS MONTANHAS

Belas montanhas de grandeza infinda,  
vestidas de ramagens deslumbrantes,  
tal como outrora sois as mesmas ainda,  
eu é que já não sou quem era dantes!

Matei saüdades com a minha vinda;  
em moço vos deixei — tempos distantes! —  
mas ainda vos conheço, qual mais linda,  
como se vos deixasse há uns instantes...

Os mesmos doces risos de verdura,  
as mesmas águas, em prateado fio,  
cingindo carinhosos arvoredos...

E na sombra das matas, com doçura,  
os mesmos melros confiando ao rio  
seus amorosos, cândidos segredos!

Junho de 1930.



## OS PASTORINHOS

Mal a doce manhã,  
sorridente e louçã,  
despontá, num arroubo,  
lá vão os pastorinhos,  
serra acima, sòzinhos,  
sem mêdo ao fero lôbo.  
Tempo lindo; sol brando!  
Lá vão na faina atroz,  
seu rebanho animando  
com a varinha e a voz...

Sem um ar contrafeito  
vencem o rio, o combro,  
a fraga que os magoa;  
levam Deus no seu peito  
(não vão à sorte, à toa!)  
e pendurada no ombro  
a saquinha da broa!

Se uma rês se tresmalha  
bem têm que a procurar.

A mãe do céu lhes valha  
se a não podem achar!  
Se a chuva cai, aperta,  
bem sofrem duro banho,  
a pé firme, a sorrir...  
Que é fôrça estar alerta,  
não se vá o rebanho  
para longe sumir!

Que triste vida, a sua!  
Pobreza, fome crua,  
mil atribulações...  
— Olhai, sua roupinha:  
vê-se-lhes a carninha  
através dos rasgões!

Pastorinhos amados,  
alguns dêles — coitados! —  
tão pequeninos ainda!  
Dá-me vontade, ao vê-los,  
— que fantasia linda! —  
de erguê-los  
nas mãos,  
beijá-los...  
E depois colocá-los  
nos presépios cristãos!

## SANTA EUFÊMIA

### I

Eufêmia, a doce virgem, pura flor,  
de Lúcio Caio filha e de Calcia,  
foi da prisão de Braga, onde gemia,  
liberta por um anjo do Senhor.

Deixa a cidade augusta, com temor.  
Bem mais do que menina parecia  
andorinha, pois voava, não corria,  
em busca dum refúgio acolhedor.

Chega ao Gerez. Acoita-se na serra;  
uivam lôbos à roda...— Não se aterra!  
Nem sustos, nem cuidados a consomem.

Que as rudes feras na montanha adusta,  
a respeitam, e Eufêmia só se assusta  
dessa fera que tem o nome de Homem!

## II

Erguendo a Deus seus olhos tão cristãos,  
na serra lhe corria a vida bela,  
até que um dia foram dar com ela  
os seus cruéis algozes — os pagãos.

E logo exigem que aos seus deuses (vãos  
e falsos!) sacrifique, ao que a donzela  
se recusa, tenaz; e então — que raiva aquela! —  
do alto a despenham com iradas mãos.

La esmagar-se, ao fundo da voragem,  
em rocha que se abriu, e que passagem  
lhe deu para um maciço de verdura...

E da fenda da rocha generosa,  
pura linfa brotou, miraculosa,  
que alegre os tristes e os enfermos cural

## ASSALTO À NEVOSA

Naquela tarde — é grato recordar  
nossos feitos eqüestres! —  
montamos a cavalo, e como mestres  
na arte de cavalgar,  
trotamos, rijamente, estrada fora,  
até *Albergaria*.

Chegamos a boa hora,  
pois já o sol, um desportista loiro,  
marcava o último *goal* na serrania  
com sua bola de oiro...

Foi bela a recepção!  
Abraços, palavrinhas de ocasião,  
aquecidas na doce e pura chama  
do coração, e como complemento,  
(erga-se à gratidão um monumento!)  
lauta ceia de frutas, boa cama.

Ao romper da manhã — o canto segue —  
estávamos a postos,

com a alma tôda à natureza entregue,  
e assistindo, contritos e compostos,  
à procissão da luz que desfilava,  
vagarosa, indecisa...

Um melro de opa preta, além, cantava,  
e o órgão dos bosques, lento ressoava,  
soprado pela brisa.

O céu dum rico azul — safira rara! —  
fulgia em bons augúrios;  
já uma asita clara

rolava no ar, em cândidos murmúrios...

E pela aba da serra, e pelos cimos,  
o sol, com tôda a pompa e liturgia,  
dava a hóstia de oiro em comunhão ao dia...  
Era tempo! Montamos e partimos.

— Ó valente arrancada  
à serra da *Nevosa!*

Tal como no «Dom Jaime» a cavalgada  
era, além de brilhante, numerosa.

À frente, comandando o grupo ousado,  
— tipo de general em pé de guerra! —  
o mestre Serafim, doutor formado  
pela escola da serra.

Cavalgando a seu lado,  
num garrano paciente, mansarrão,

(êle que o Pégaso fogoso monta!)  
 o poeta-cronista do esquadrão,  
 a pistola das rimas sempre pronta,  
 e uma outra mais real no cinturão...

Um pouco à retaguarda,  
 mestre Silva, garboso em sua farda,  
 de carabina ao ombro  
 (não é dos que adormece,  
 dos que pasmam de assombro!)  
 para o que desse e viesse!

Por escôlta, dois guardas florestais,  
 (um dêles parecia Sancho Pança!)  
 bamboleando sôbre os animais;  
 e com honras de guia e de ordenança,  
 escorrendo suor, o corpo às postas,  
 — não achem esta frase exagerada! —  
 e sempre a pé calcante, o heróico Espada,  
 de pau ferrado e merendeiro às costas!

Descrever a escalada à serra, o assalto,  
 não é emprêsa fácil;  
 requeria musa épica e verso alto,  
 e pincel forte e ao mesmo tempo grácil...  
 Rompemos com vigor, almas afoitas,  
 emmaranhadas e agressivas moitas  
 por onde os javalis se escondem, somem;  
 transpusemos, a vau, a enchente do *Homem*;

Atravessamos desolados ermos,  
terras árduas, escravas;  
vencemos córregos, ladeiras bravas  
com pègadas de lóbos... (Não os vermos!  
Veriam como furam nossas balas!)  
Subimos serras de alterosas cristas  
com boqueirões sinistros, fundas ralas,  
refúgios de ladrões, contrabandistas;  
entramos nas *Abrótegas* floridas,  
e, finalmente, à fôrça de investidas  
e prodígios de tática,  
atacamos com forte intrepidez  
essa *Nevosa* altiva e majestática,  
a rainha das serras do Gerez!

É na mais alta fraga, ao sol da glória,  
sob um céu de batalha e de trovão,  
erguemos nosso bélico pendão  
—o pendão da conquista e da vitória!



## SONETOS A PAÍSAGEM

### I

Minha amada paisagem, bela e pura,  
prêsa a estes céus nostálgicos, tão prêsa,  
seja o meu verso qual luzinha acesa  
no altar da tua excelsa formosura.

Por certo foi aqui, na verde-escura  
selva, em horinha doce de tristeza,  
que nasceu a saudade portuguesa,  
mixto de gôzo e mixto de amargura...

Brenha admirável, no vigor da fôrça!  
Perde-se a musa olhando-te, e sucumbe  
se tenta erguer-te em clássico soneto.

Aqui suspira a linfa e salta a corça,  
e ébria de sol, a abelha esplende e zumbe  
vertendo em favos de oiro mel do Himeto!

## II

Paísagem bela, rindo ao sol de Apolo:  
que mágoa sinto de não ser pintor!  
De não fixar teu céu, teu fértil solo,  
em pinceladas de vibrante côr!

Por êsses bosques, onde me consolo,  
anda o deus Éolo soprando amor,  
e a dríade pagã, de róseo colo,  
unida ao fauno, com volúpia, ardor!

Sacra paisagem! Aos teus pés se prostra  
um rio-poeta (como tal se mostra),  
que encantadores versos já te fez...

Rio que diz ao sol e à serra abrupta,  
às árvores, e a tudo quanto o escuta,  
as eternas belezas do Gerez!

## TEMPO DE SOL

Nesta primeira tarde de calor  
—o tempo tem estado impertinente,  
    chuvoso, glacial—  
há muita vida, animação e côm  
em frente dos hotéis, principalmente  
    do «Universal».

Os hóspedes, retidos pela chuva,  
saíram, jubilosos, cá p'ra fora.  
Botou vestido claro certa viúva...  
    Foi-se o mau tempo embora!  
Abalou o maldito, intenso frio!  
E quantos lhe sentiram o arrepio,  
—ê vê-los!—de calor bufam agora!

O Dias, mais o Aarão — dois beneméritos  
em distribuir cadeiras, copos de água,  
ofício antigo no que são eméritos—,  
    causam-me viva mágoa!

Correndo e suando — o quadro é pitoresco! —,  
não param um segundo, um só momento,  
para que todos gozem bom refrêso,  
rica almofada, regalado assento...

Buzinando rüidosa, fortemente,  
chegou a camioneta. Já traz gente:  
abades, bacharéis,  
velhos aqüistas, *habitués* fiéis...  
Gente do norte e sull Gente de escol,  
que chega, alegre, aos empurrões do soll

Junho de 1935.

## CHÃ DE LEONTE

Passo aqui tardes inteiras,  
olhando, de alma enlevada,  
a casa da guarda, a estrada,  
a mancha das carvalheiras...

Tem o *Cabril* nas traseiras,  
sentinela agigantada;  
e em redor — a vista agrada! —  
outras serras altaneiras.

Chã formosa, tôda alfombra,  
com bois deitados à sombra,  
rebanhos no alto, zagais...

E em fundos de poesia  
as matas de *Albergaria*  
com seus verdes triunfais!

## SERRAS DO GEREZ!

Ó serras do Gerez em rendas de granito!  
Serras que sempre amei!  
Píncaros do *Cabril*, cravados no infinito,  
que em tempos de rapaz, intrépido escalei!

*Cantarelo!* Um altar erguido em viva fraga,  
onde mestre Ramalho orou aos horizontes;  
e *Borrageira*, um trono a que subiu Arriaga,  
p'ra ver melhor o céu e ouvir melhor as fontes...

*Lage do Sino*, a bela, imponente e dramática  
num púlpito de luz!  
E *Abilheirinha*, a doce, a olhar, cativa e extática,  
o vale do *Homem* que a namora e que a seduz...

A *Quelha Verde*, em explosões dum verde forte;  
a *Pedra Bela*, miradoiro de ampla vista,  
e a *Roca Negra* que é tão negra como a morte,  
apunhalando o azul com sua aguda crista...

*Lomba de Paul Modorno* em sonho fundo; as *Alvas*,  
em líricos desmaios;  
e os soberbos *Carris* com suas rochas calvas  
dilaceradas e mordidas pelos raios...

*Nevosa* em brumas de oiro, erguendo o altivo dorso!  
A *Cabreirinha*, riso e flor; a *Bela Ruiva*,  
e tantas serras mais por onde salta o corço  
e o lobo faminto uiva...

— Serras do meu Gerez! Que todos venham vê-las,  
aureoladas de sol, em alta catedral,  
erguendo em sua voz — voz que chega às estrêlas —  
um hino à natureza e um beijo a Portugal!

## CARTA

Dêstes formosos Alpes portuguezes  
—serra e céu, num abraço!—  
quero dizer-te (sou cronista, às vezes)  
como os meus dias passo.

Madrugo, e quando saio, lira em punho,  
encontro já—que freima!—  
o claro sol, o belo sol de Junho  
que afaga e que não queima...

Embrenho-me no parque. Muito gosto  
de o ver, todo a sorrir!  
Há melros nas acácias... Eu aposto  
que um dia os vens ouvir!

As vezes, pela fresca das manhãs,  
—não aches isto vago!—  
esquecido me fico a ouvir as rãs  
em concêrtos no lago...



Freqüentemente desço até o rio  
a ver pescar; que luta  
para arrancar à cana, prêsa ao fio,  
bela e doirada truta!

Sento-me após a ler um bom poeta.  
Ontem — amável dia! —  
poisou no meu livro uma borboleta...  
— Vinha ver o que eu lia!

Quando a saúde do alto em mim se entranha  
e o tempo está seguro,  
monto a cavalo e lanço-me à montanha;  
vou encher-me de ar puro!

E bato tôda a serra: as verdes faldas,  
e as roixas, altas cristas,  
à busca de topázios e esmeraldas,  
de opalas e ametistas.

Mas não achei (que passe o madrigal!)  
por êsse mar de escolhos,  
uma pedrinha azul, safira igual  
à que trazes nos olhos...

•  
• •

A carta já vai longa; longes terras  
dão sempre extenso roll!  
Saüdades dêstes céus e destas serras;  
cumprimentos do sol!...

Junho de 1935.

## DO ALTO DA SERRA

Por êste magistral, largo horizonte,  
devotamente o meu olhar se expande.  
— Misera humanidade: abate a fronte!  
Só Deus é grande!

Destas alturas que os meus olhos somem,  
faço um acto de fé e contrição;  
reconsidero quão pequeno é o homem,  
pequeno e vão!

Na aspereza da serra e do deserto,  
mais que poeta e pintor me sinto monge.  
A dois palmos o céu — olhai, que perto!  
É a mil léguas o mundo — olhai, que longe!

Afastado de tudo — poeira fútil! —  
aqui me purifico e me concentro,  
olhando êste horizonte, e o que é mais útil,  
a mim mesmo me olhando cá por dentro...

Olhar nossa alma bem é convertê-la.  
Há almas onde só se aninham cobras.  
Almas de treva! Falta-lhes a estrêla  
das boas obras!

Que subam! Batam asas na amplidão,  
até ficarem brancas, muito puras.  
Meditem e orem. Colham a lição  
destas alturas!

1936.

## POÇO VERDE

Em tardes de sol ardente  
aqui boiei, enlevado.  
Era então adolescente...  
— Como vai longe o passado!

Hoje — que tempos diversos! —  
nesta concha de água pura  
baptizo chorosos versos  
com emoção e ternura.

Versos que lembram — que dor! —  
alegrias doutra idade;  
então sorria de amor,  
e ora choro de saudade!

## RIO SEM ÁGUA

Meu rio amado,  
causas-me, ao ver-te, acabrunhante mágoa!  
Triste e mirrado  
— um verdadeiro esqueletinho de água! —  
já não corres em risos espontâneos...  
Numa lenta agonia te contorces  
entre penedos que parecem crâneos.  
Pobre rio! Por mais que tu te esforces,  
mal chega a nós o teu miserando eco.  
Mãos rudes dum verão que correu sêco,  
te estrangularam  
sem dó e coração.  
Até os vidoeiros se calaram  
por falta de amorosa viração.  
Doces troveiros de canções discretas,  
eram (todos o sabem) bons poetas!

Olho, por entre os mansos arvoredos,  
teus poços refulgentes de esmeralda,  
juncados de penedos.  
E vejo a trufa airosa, ao sol que escalda,

no escasso líquido que a linfa verte,  
andar à roda — sempre em vão, coitada! —  
em busca de saída que a liberte.

Mas tudo sofrerá mudança funda  
(menos minha tristeza amargurada...)  
quando nos céus — que o sol agora inunda —  
os ventos desabridos galoparem  
e, sob o seu chicote fustigante,  
as chuvas desabarem  
em torrente abundante.

Dilúvios, tempestade...  
Então, sim! Mudará todo o cenário.  
(No teatro da Natura tudo é vário!)  
A fruta gozará a liberdade  
que ora não tem;  
— a liberdade!, êsse supremo bem! —  
e com aquele ardor, que tanto a anima,  
lá irá, tonta de água, rio acima,  
por repênsas e açudes, pontos altos,  
feita mestra na prática dos saltos...

E tu, meu adorado e lindo rio,  
terás água que sobre,

e não sòmente uma gotinha pobre,  
um leve, raro fio...

E nessa hora de tanta vibração,  
teus vidoeiros mudos, sucumbidos,  
soprados com vigor, despertarão.

E em acordes sentidos,  
— místicos violinos! —  
entoarão a Deus seus belos hinos!

Margens do *Gerez*.

Setembro de 1937.



## AS DUAS RAÍNHAS

Disse a serra do Gerez:  
— *Estrêla*, irmã radiosa,  
bemdito Deus que te fêz  
tão altiva e majestosa!

No alto frono em que te vês,  
deves sentir-te orgulhosa;  
o corpo, em pura nudez;  
a fronte, em nuvens de rosa...

Serra de amores e lendas!  
Tua soberba estatura  
tem grandezas estupendas.

Tu és rainha na altura;  
eu sou — num poema de rendas —  
rainha na formosura!

## PAXI

Corri mundo, terra estranha  
na aventura dos perigos;  
hoje procuro a montanha  
onde conto bons amigos:  
os plátanos, os carvalhos  
de frondosa ramaria;  
os cedros de esbeltos talhos,  
com majestades de rei;  
os teixos de frente esguia...  
— mais do que amigos — direi —,  
meus irmãos em poesia.

E nesta santa família  
— família rude da serra —,  
sob a umbela duma tília  
que boa sombra me faz,  
olhando o espectro da guerra,  
eu faço versos à Paz.  
À paz desta solidão,  
onde curo tristes mágoas;

à paz do sol, paz das águas,  
que é paz de amor e canção...  
À paz das serras que rezam,  
mãos erguidas para os céus;  
paz das aves, graça e vôo...  
— enfim, a essa paz de Deus  
que loucos homens desprezam  
mas que eu tanto abençôo;  
pois só essa paz bemdita  
no sumo bem que ela encerra  
e em sua graça infinita,  
nos faz felizes na terra!

Setembro de 1937.

## PONTE FEIA

Disse o rio, com voz cheia:  
(disse-o por ciúmes, apóstol)  
— «Confesso, ó ponte, que gosto  
que todos te chamem feia.

Mas sofro! Punge-me a ideia,  
quando ao teu peito me encosto,  
que alguém, fixando o teu rosto,  
murmure: — «todo me enleia!» —

Minha ponte pequenina,  
— num beijo meu quási cabes! —  
êste anseio não tem fim.

Quero-te feia, imaginal  
Feia para todos, sabes?  
E bela só para mim!»

## PERFIL DUM BENEMÉRITO

A dois passos o vejo  
(rodeia-o um grupo alegre em que reparo)  
de boina escura, sobretudo claro,  
nos lábios um gracejo...

Retrato-o de improviso:  
já tem bons anos; mas que importa a idade,  
quando o peito se enflora num sorriso  
e a alma brilha em clarões de mocidade?

Homem de bem, de acções fulgentes, belas!  
Aponto-o como exemplo dos mais nobres,  
na protecção aos pobres,  
na paixão da arte — adora as boas telas —  
e no amor ao Gerez  
— lugar de poesia e de romagem,  
onde achou a paisagem  
que tanto o satisfez...

Setembro de 1937.

## A *BORRAGEIRA* NO INVERNO

Fixo-a daqui,  
em mancha breve.  
Como ela ri  
na tarde level

Jamais a vi  
tão branca! Deve  
ter gôsto em si;  
é tôda neve!

Janeiro amigo,  
— amor antigo —  
que bem a trata!

Todo em desejos,  
enche-a de beijos,  
cobre-a de prata!

## LUA DO GEREZ

A lua,  
mansinha,  
flutua;  
barquinha  
de luz  
que Deus  
nos céus  
conduz.

A lua!  
Que bela  
e nua!  
Sem ela  
seria  
sombria  
e crua-  
a terra.  
A lua!  
A serra  
afaga  
e alaga

o rio...  
Luz grata,  
é prata  
em fio...  
Luz calma,  
enleva  
a alma  
e a treva  
espanca,  
de branca...

— Que lua  
a tua,  
meu lindo  
Gerez!  
Não vês?  
Sorrindo  
te chama;  
(quem ama  
deseja!)  
com graça  
te enlaça  
e beija!



## SERRA AMOROSA

Seja sempre abençoada  
a tua serra, ó Gerez!  
Serra formosa e sagrada  
que paisagista me fêz.

Na infância, tão descuidada,  
— fôsse eu criança outra vez!—  
beijou-me, tôda enlevada  
com a minha timidez...

Mais tarde, na mocidade,  
— como eu lembro com saüdade!—  
favoreceu meus amores.

E agora, desiludido,  
abre-me o seio querido  
onde afogo as minhas dores!

## QUELHA VERDE

Como és bela! Não se cansa  
o meu olhar de te ver.  
É's verde! Tens esperança...  
— Nenhuma eu já posso ter!

Em luz roixa a tarde avança;  
tudo tende a amortecer...  
Só minha dôr não se amansa;  
sempre viva ela há-de ser!

— O' serra dos meus encantos!  
Daqui te fito, embebido,  
por entre os chorões do lago...

Daqui te envio os meus cantos,  
que têm o sabor dorido  
das mágoas que na alma trago!

## NA PEDRA BELA

Passei tôda a manhã na *Pedra Bela*.

—O' que manhã  
deliciosa! No alto, em plena chã,  
(que linda tela!)  
os rebanhos pastavam.

Cabritinhos—alguns, de poucos meses—,  
em lutas de cabeça se ensaiavam.

Sucedia, por vezes,  
um ou outro cair, rolar no chão...

O quadro tinha a côr das pastorais,  
tal o seu bucolismo, vibração!

Mas o que me prendeu e chocou mais,  
foi aquela cabrinha, tão esquiva,

que em três ou quatro saltos  
atingiu o penhasco, ágil e viva,  
e nimbada de sol—um sol em chama—,  
ali ficou imóvel, chifres altos,  
como a admirar o estranho panorama...

1938.

## A LENDA DA FREIRA

Foi nesta encosta rude, sertaneja,  
a casinha, tão pobre de conforto,  
daquela freira que fugiu do Pôrto,  
irmã, nos seus amores, da de Beja.

Como quem ama só amar deseja,  
(peito onde amor não brilha é peito morto!)  
ela aqui se acolheu, de olhar absorto,  
em busca de guarida bemfazeja.

E aqui viveu feliz, num cego engano,  
até que um dia o ingrato castelhano  
a abandonou, sem mostras de temor.

A dor tão funda a pobre mal resiste.  
Mas amar é sofrer, e é sina triste  
que a dor sempre acompanhe um grande amor!

Encosta do Zanganho.

Setembro de 1938.

## RESPOSTA A UM AMIGO

Diz-me que andou por longe,  
que esteve no Bussaco uns belos dias  
— no Bussaco dos cedros, fontes frias! —  
gozando, como um monge,  
aquela solidão apetecida,  
onde a alma logra paz, tranqüila vida...  
Diz-me que deu um salto à capital,  
que viu o brando Tejo de cristal  
e sôbre as verdes ondas buliçosas,  
ao dorso dos tritões,  
as doces, claras ninfas amorosas,  
cantadas por Camões...  
Não se prendeu, porém, na sua feia,  
a-pesar de travêssas e gentis,  
mas lhes fugiu — achei prudente, creia! —  
para os formosos, róseos Estoris.

•  
• •

Sim! Estou no Gerez — respondo à pressa;  
neste cantinho doce e abençoado,  
que o meu amigo, embora viajado,  
ignora ainda, como me confessa.  
Pois vou dizer-lhe: quem o não conhece,  
em tôda a majestade triunfal,  
na graça da montanha, erguida em prece...  
— desculpe — não conhece Portugal!

O meu Gerez! Com beijos o procuro!  
Ótimo sol, à puro...  
Uma água que tem fama,  
que o verso canta e louva e a ciência aclama...  
Paisagens belas, únicas!  
Serras altas, envoltas pelas túnicas  
das nuvens... Densas e frondosas matas  
onde o sol entra a custo, por favor...  
Rios de oiro, cascatas...  
E por dossel — um céu deslumbrador!



Venha até cá um dia!

Não se há-de arrepender.

O Gerez é um beijo de poesia  
que só se dá a quem o sabe ver...

Um beijo de paisagem, que não morre!

Um beijo que jamais de nós se aparta!

— Amigo, a pena corre...

Vejo que é tempo de acabar a carta!

## UMA TARDE NA AVENIDA

Nesta formosa tarde, que o sol doira,  
passeia na avenida muita gente;  
não falta até aquela dama loira  
com o seu belo cão, prêso à corrente.

De óculos no nariz, livro na mão,  
avança um escritor, todo cortês.  
Tem pela serra muita adoração;  
é romeiro devoto do Gerez!

Avisto agora um velho diplomata,  
rubro como um inglês, cara rapada.  
Tem a elegância dum aristocrata,  
de quem andou por salas de embaixada.

Bem pôsto e penteado, olhar risonho,  
surge um médico. *Aplob* e gestos nobres.  
Adora a vida, que é um breve sonho...  
e vela, dia e noite, pelos pobres!



Passam três manas; são encantadoras!  
Duma simpleza que cativa e agrada.  
Três graças? — Direi antes, três doutoras.  
Consta-me que a mais alta é deputada!

Dá na vista um simpático casal  
de modos joviais, expressão fina.  
Faz sorrir o parzinho desigual!  
Ele alto, e ela — que graça! — pequenina...

Róseo e cheio — bolinha de gordural —,  
lá vai certo doutor... Boa cabeça!  
Ausculta e apalpa, diagnostica e cura...  
— Quem haverá por cá que o não conheça?

Desfila um oficial da Legião.  
Bem raramente a gente o descortina,  
Anda sempre por *Leonte* (mas em vão!)  
a ver se abate uma águia à carabinal!

Um grupo de meninas sorridentes,  
— trajam *toilettes* de vistosas côres —  
chama a minha atenção. São atraentes!  
Não lhes faltam, por certo, adoradores!

Sinto-lhes o sorriso, a doce fala...  
A do meio, a mais pálida, linda é!  
Eu não posso deixar de retratá-la;  
merece bem as honras dum cliché!



A luz da tarde cai, em ténue fio.  
—Hora lilaz, que inspira os bons pincéis!—  
Sopra pela avenida um vento frio...  
E todos se recolhem aos hotéis!

Setembro de 1938.

## QUADRAS SOLTAS

1

O' verdes terras de *Bouro*,  
cheias de rios e montes!  
Anda o sol, de hissope de oiro,  
a benzer teus horizontes!

2

Moças de *Vilar da Veiga*,  
gosto de vós, raparigas!  
Sol no olhar, boquinha meiga,  
aberta em duas cantigas!

3

Meu belo *Pé de Salgueiro*,  
que formoso que tu és!  
Dominador, altaneiro,  
tens o Gerez a teus pés!

4

Carvalhas de *Albergaria*,  
num verde alegre de festal  
Sois beleza e poesia  
no cântico da floresta!

5

*Chã de Lamas*, na soidão!  
Que bem guardada que estás!  
Dum lado, o *Chapeleirão*;  
doutro lado, o *Bezerraz*.

6

*Portela*, janela ideal,  
cheia de sol e de brisa...  
Janela de Portugal  
aberta para a Galiza!

7

Na *Ermida* (dizem os sábios)  
as moças são bemfazejas;  
trazem os beijos nos lábios  
e no cestinho as cerejas...

## 8

Serras de ares sobranceiros,  
como andais tão aceadas!  
Verde vestido — os pinheiros,  
e meia branca — as estradas...

## 9

O' prado da *Bargiela*,  
em verdura sempre nova!  
Tens os beijos da gazela,  
e os sorrisos desta trova!

## 10

O *Caldo* e o *Freitas*, num gôzo,  
o irmão *Cávado* avistaram,  
e acharam-no tão formoso  
que logo a êle se juntaram.

## 11

As moçoilas de *Covide*  
boa fama no amor têm;  
seu corpinho lembra a vide  
que sabe enlaçar-se bem...

12

*Vilarinho* enfeitiçado...  
— Que estranha paixão aquela!  
Dias e noites prostrado  
aos pés da *Serra Amarela!*

13

Linda cascata das *Palas*,  
jorrando em finos cristais!  
No verão, quási te calas...  
No inverno, falas de mais!

14

Capelinha do Gerez,  
que pura graça te adorna!  
Tornas a nova outra vez,  
e a gente a nova não torna!

15

À *Borrageira* trepei.  
Lá dêsse trono de altura,  
eu bem quis (mas não logrei!)  
ver se alcançava a ventura...

16

O *Cabril* é sentinela  
no seu forte de granito;  
quando o touca nuvem bela,  
brada à chuva, em alto grito.

17

Olhai *Sam João do Campo*,  
com seus rubros espigueiros,  
e um rio — que eu mal estampo —  
a correr entre salgueiros!

18

Disse a estrada para as pontes:  
— «uma aqui, outra acolá.  
• O Gerez tem belas fontes...  
— Passai todos para lá!»

19

Terras de *Vieira*, amorosas,  
mostrai-me as graças estranhas!  
Sois açafates de rosas,  
perdidos entre montanhas!

20

*Borrageirinho* encantado,  
rindo ao sol, nas tardes boas!  
Tens um ar de namorado  
a olhar, de perto, as *Lagoas!*

21

Bem sei, rio de *Maceira*,  
a causa da tua mágoa!  
(Ela é justa, verdadeira)  
— Vais sêco, sequinho de água...

22

O' morro do *Sarilhão*,  
como não te hei-de cantar!  
Nessas fragas, que altas são,  
as águias fazem altar!

23

Ribeiro de *Pala Freita*,  
nada o detém, na corrida;  
nem os meus versos aceita,  
com pressa de ver a *Ermida!*



24

*Calcedônia, Chã de Lamas,*  
*Junceda, ao riso dos céus;*  
*Pedra Bela, tôda em chamas...*  
chorando vos digo adeus!



R E T R A T O S



## LINK

Viajou em Portugal  
nos bons tempos da liteira;  
na época sentimental  
do espadim e cabeleira...

Seu retrato, ao natural,  
esboço, desta maneira:  
na mão, lente de cristal;  
*block-notes* na algibeira.

Link — que esforço titânico! —,  
com a paixão dum botânico,  
andou por serras em fora.

Viu o Gerez, deslumbrado...  
E prêso dêle, encantado,  
celebrou a sua flora!

## MANUEL DE ARRIAGA

Há cincoenta anos, talvez,  
— é de justiça que o conte —  
que passou pelo Gerez,  
com os loiros já na frente.

Com alma de português,  
cantou a serra, o horizonte,  
e formosos versos fêz  
à cascata de *Leonte*...

Quebrou-se a lira alfaneira;  
de todo o poeta esqueceu  
numa glória passageira...

Mas bem presente o tenho eu,  
ao ler, pela *Borrageira*,  
as sextilhas que escreveu!

## ARTUR LOUREIRO

Todos os anos o saüdoso mestre  
vinha em devota e artística romagem  
a êste belo Gerez — éden terrestre,  
maravilhoso de água e de paisagem.

Erguia a tenda ao sol, na graça alpestre  
da montanha granítica e selvagem,  
sorvendo leite fresco ou mel silvestre,  
buscando um novo assunto, nova imagem.

Na *Pedra Bela*, aos beijos do horizonte,  
pintou o azul do céu com raro encanto,  
e a serra, dia e noite a namorá-lo...

Prostrou-o a morte, bruscamente, em *Leonte*.  
— Que o Gerez o relembre! Amou-o tanto,  
que morreu (saibam todos) a pintá-lo!

## RAMALHO ORTIGÃO

Sob o pátio da folhagem  
eis o bosque evocador,  
lugar de sonho e romagem  
do vigoroso escritor.

Êle, que amava a paisagem  
com a paixão dum pintor,  
fêz daqui a reportagem,  
o noticiário da Côr...

E neste sacro recanto  
onde, com olhos de estêfa,  
mirava os céus de oiro e rosa,

erga-se, na asa do canto,  
a homenagem dum poeta  
ao grande mestre da Prosa.



## RICARDO JORGE

Não pretendo focá-lo como artista,  
como escritor de rebuscado estilo;  
um escritor vernáculo, purista,  
da egrégia, nobre estirpe de Camilo.

Quero focá-lo como hidrologista,  
e dizer ao Gerez — penso servi-lo! —  
que deve venerá-lo, e na áurea lista  
dos beneméritos, com honra incluí-lo.

Foi das águas termais um bom cultor.  
Historiou-as com saber profundo;  
auscultou-as, tomou-lhes o sabor...

Sondou-lhes a virtude, o veio fundo...  
Exaltando-as depois — justo louvor! —  
como famosas e únicas no mundo!

## PADRE MARTINS CAPELA

Um sábio ilustre e um santo de olhos brandos...  
Correu a Geira, e em passo soberano,  
passou revista aos marcos venerandos  
de Tifo e Décio, Máximo e Adriano.

## TUDE DE SOUSA

Nos tempos de regente florestal  
— quem haverá que o ignore? —  
correu todo o Gerez, ao sol ideal.  
Fez história e folclore;  
recolheu lendas, estudou costumes;  
cantou a flora, plena de perfumes...  
E com pincéis amáveis, lisonjeiros,  
aguarelou *alminhas* e cruzeiros...

A sua obra, que tanta luz encerra,  
tem poesia e côr:  
— é um beijo de amor  
dado com alma, com fervor, à Serra!

## ALBERTO DE MAGALHÃES

De olhar sagaz, ouvido atento,  
serve o lugar com devoção;  
traz o Gerez no pensamento,  
darei melhor — no coração.

Jamais descansa um só momento.  
Sabe o valor da ocasião;  
sabe que a vida é movimento,  
tenacidade, esforço, acção.

Um paladino do Gerez!  
Por êle a sua espada brande  
com galhardia, intrepidez.

É em todo o seu valor se expande  
lá onde a luta, tanta vez,  
exige pulso, audácia grandel!

# ALDEIAS E LUGAREJOS

(GEREZ E ARREDORES)



## CARVALHEIRA

O garrano possante do *Distola*  
levou-me lá; — uma estirada fortel  
Manhã sem sol. Foi pena! O sol consola;  
dá à paisagem vida, côr, recorte.

Prendeu-me a freguesia em suas graças.  
Tem belos, animados azulejos!  
Um carro, chiando, transportava baças... (\*)  
— A moça, à sogã, ouviu-me dois gracejos!

Pelas calçadas galopei, ligeiro,  
perseguido por cães, rafeiras novas.  
Gozei, sem me apear, junto ao cruzeiro,  
a bela vista sôbre *Brufe* e *Covas*...

Saüdei a casa de Martins Capela  
— sábio arqueólogo —, com muito amor.  
Vi, de relance, a igreja, e acheia-a bela,  
entre arbustos, campânulas em flor.

---

(\*) Dornas.

Já de regresso, olhei de longe, a-sós,  
— que vista encantadora, sugestiva! —  
o santuário ao *Bom Jesus das Mós*,  
erecto, no alto, sôbre rocha viva.

Depois, escureceu; não vi mais nada!  
Curvado no garrano vacilante,  
só vi cair a chuva fustigante,  
estoirar, iracunda, a trovoada!

Setembro de 1938.



## COVIDE

Não se vê sem um doce sobressalto:  
fêrteis veigas (a terra é de abastança);  
airosa igreja, em vivos de faiança,  
com seu cipreste negro erguido ao alto.

Aqui e além, entre eiras e ramadas,  
casas de lavradores;  
algumas, celebradas,  
pois deram vários padres e doutores.

Uma delas, chamada *Passadiço*  
agasalhou Saldanha,  
(Pinho Leal conta isso)  
certa vez que fugia para Espanha.

Terrinha farta, em vinho e pão mimosa,  
corri-a, lés-a-lés.  
Santa Eufêmia, piedosa,  
deixou por lá a marca dos seus pés.

Eu não deixo o vestígio dos meus passos  
que se perdem, dispersos;  
mas deixo, em leves traços,  
(como quem deixa beijos!) estes versos.

## ERMIDA

Entrei no povoado,  
belamente montado  
num garrano famoso — o *Rouxinol*.  
A tarde era de sol.  
Garrido arco, com flores de papel,  
erguido à beira  
de graciosa e clara capelinha,  
— pedia, sem favor, um bom pincel! —  
falava-me da festa à padroeira  
do rústico lugar, Santa Marinha,  
que se realizara, tempos antes,  
com foguetório, danças e descantes.

Pelas calçadas,  
bravas, acidentadas,  
— óptimas para um tombo! —  
dois jumentos, com chagas pelo lombo,  
passeavam em franca liberdade.

À porta dum casebre  
velho e sujo, sem nada que o celebre,  
mulher de certa idade,  
face rugosa, olhar mortal, sem brilho,  
sentada num degrau, catava o filho.

À parte a crua nota realista,  
apanhada em flagrante,  
achei a aldeia muito interessante  
com um golpe de vista  
magnífico, formoso,  
sôbre a *Cabreira* e as terras de *Barroso*.

E prêso dessa vista magistral,  
exclamei, abrasado de ideal:  
—«Céus de oiro e puro azul; serras e montes...  
Ah, como é belo e rico de horizontes  
o nosso Portugal!»

Setembro de 1938.

## FREITAS

A duas boas léguas do Gerez  
se ergue o lugar de Freitas, pitoresco.  
Eu não o conhecia, e desta vez  
fui lá, aproveitando um dia fresco.

Confesso que gostei, prêso, talvez,  
do seu cenário aspérrimo, dantesco,  
(um imponente quadro montanhês!)  
ou do seu colorido, algo grutesco.

Casas negras (lá dentro havia lume...);  
porcos na rua, focinhando estrume...  
Água a correr; palheiros e currais.

*Alminhas*; uma ermida a Sam Silvestre...  
É pelos fundos, num sabor campestre,  
manchas de castanheiros e olivais.

## PAREDES

Cheguei! Até que enfim!  
Mal descanso uns momentos,  
olho o povoado, erguido no selim,  
e tomo apontamentos:

Soutos frondosos, campos rendilhados.  
Nas calçadas, ornadas de cancelas,  
—abri-las e fechâ-las, que tormentos!—  
galinhas e cevados,  
estes, grunhindo,  
cacarejando, aquelas...

Sob latadas frescas vou seguindo.  
Casa de moradia,  
capela à frente, atraí o meu olhar.  
Tem um puro recorte  
de fidalguia,  
a aparência severa dum solar.  
Era do padre Dias; casa forte,  
a melhor do lugar.

Pico o animal.  
A poucos metros, rústica ermida  
a um santo venerado no local.  
Baixa, tôda alapada,  
a pobrezinha  
tem um ar de enterrada...  
Alpendre velho e tôsko...  
Eu me descubro; o mesmo faz o guia.  
— Que o santo vá connosco  
e nos proteja sempre noite e dia!

Dezembro de 1938.

## RIO CALDO

Uma rica freguesia  
cheia de cõr, movimento,  
com famosa romaria  
ao milagroso Sam Bento.

Majestosa serrania,  
em contraste violento  
com a veiga luzidia,  
fôda sol, neste momento.

Terra muito visitada!  
Pessoa que chega é grada?  
Tangem os sinos, com brio!

E logo, em onda que rola,  
na gula de boa esmola,  
salta, em chusma, o rapazio!



## SÁ

Num manto esplendoroso de arvoredos,  
de passagem o vejo.  
É belo o lugarejo,  
ledo.  
Acho, como pintor,  
que o céu risonho o abraça,  
e que possui graça,  
côr.

As casas muito unidas, como quem  
deseja proteger-se  
ou então aquecer-se  
bem...  
— Inverno! Frio intenso!  
Há neve nos caminhos...  
Nos velhos, nos pobrinhos,  
penso!

Vejo a paisagem com o coração!  
Não bastam só os olhos  
neste mundo de abrolhos,  
    não!  
São tem bênçãos e cantos,  
luz de oiro nos pinhais...  
Ar, soll! É mil encantos  
    mais!...

Setembro de 1938.

## SAM JOÃO DO CAMPO

O cruzeiro, muito rico,  
já o conheço de-cor,  
com seu coberlinho em bico,  
andorinhas ao redor...

A campina — que tesoiro! —,  
a todo o instante sorri;  
dava-lhe o sol, era de oiro,  
na bela tarde em que a vi!

As casinhas, pela encosta,  
são duma graça singela.  
— Aldeia de que se gosta,  
mal se põe os olhos nela!

Formosa, risonha terra,  
com muita côr, fama e brio,  
a rever-se, em céu e serra,  
no espelho claro do rio!

## VILAR DA VEIGA

Que graciosa aguarela!  
O verde rio adorado;  
a igreja — tão branca e bela! —  
com sua sineira ao lado...

A várzea, em mancha amarela;  
os casais, ao sol doirado;  
e numa ou noutra janela  
um craveiro perfumado...

— Um quadrinho dos mais ricos,  
com a serra, tôda aos picos,  
num fundo de roixo e prêto.

Quadrinho delicioso,  
que merece, por formoso,  
a moldura dum soneto!

## VILARINHO DA FURNA

(Instantâneo).

Uma aldeola serrana  
com seus encantos esfranhos;  
a velha ponte romana  
e a graça dos seus rebanhos.

Rio verde, de águas brandas;  
casario em quelhas tortas;  
mulherio nas varandas,  
cavalgaduras às portas.



FIGURAS POPULARES





## MESTRE SERAFIM

Lembram-se dêle,  
magro e chupado,  
só ôsso e pele?

Ja com muitos janeiros carregado,  
tinha a alma dum rapaz,  
o sangue irrequieto e a perna audaz!

Foi um mestraço às corças — que árduas lutas,  
lutas sem tréguas! —;  
e um andarilho às frutas,  
galgando rios, calcorreando léguas!

Bateu as serras, píncaros e faldas;  
amou os horizontes infinitos,  
cheios de luz radiosa...  
E morreu a sonhar com esmeraldas,  
de olhos risonhos, fitos  
nas minas da *Nevosa!*

## O EIRAS

Um belo coração num peito rudo!  
Descomunal, ventrudo,  
bengalório na mão...  
—era na fôrça indómita um Sansão!

Bemquisto e popular, que paixão viva  
o prendia ao Gerez! Que puro amor!  
Homem de iniciativa,  
activo, empreendedor...  
foi tudo — até chegou a regedor!

## MESTRE SILVA

Um bravo guarda-mor, de ronda à serrania.  
Homem batido e prático,  
a bufar à corneta e a arrastar o reumático  
de *Leonte* a *Albergaria!*

1934.

## O MANUEL *GUARDA-FIOS*

Que o meu pincel risonhamente o marque:  
Um herói verdadeiro,  
pregado, como estaca, um dia inteiro  
à entrada do parque!

Prestável, sossegado,  
(não brande o varapau, nem joga o murro;  
às perdizes, porém, é endiabrado!)  
êle é quem assobia pelo burro  
que me há-de transportar  
pela montanha fora,  
e me ajuda a montar;  
quem me afivela a espora;  
quem me diz, de ôlho errante pelos astros,  
se o tempo está de chuva ou de trovão,  
se as nuvens correm altas ou de rastros,  
enfim, se deverei partir ou não...

Um servidor leal (nada há que o fôrça!),  
sem outro idêntico;  
e astrólogo de fôrça...  
—Flamarion autêntico!

1935.

## O ESPADA

Aqui lhes apresento o rijo Espada,  
um puro montanhês,  
meu velho guia e intrépido escudeiro  
na bravia escalada  
das serras do Gerez!  
Peito de Hércules! Perna de cabreiro,  
em constantes desfiles;  
calcanhar formidável,  
mais forte que o de Aquiles,  
pois é invulnerável!

## O BERNARDINO

Uns ares de doutor, olhar matreiro,  
bigode à mandarim, sombreiro à Cid...  
— eis o retrato, num craião ligeiro,  
de Bernardino, glória de *Covide!*

Dinamitando fragas, penedias,  
anda em batalha pela *Calcedônia*;  
quantas noites febris, noites de insônia,  
a magicar em oiro e pedrarias!

Curvado sôbre um velho cartapácio,  
é vê-lo, a certas horas, grave e sério.  
Parece ler Vergílio ou mestre Horácio,  
e estuda a forma de encontrar minério.

Mas jamais descobriu — sangra-lhe o orgulho! —  
um filão de valor; só tem achado  
— e às toneladas — rijo pedregulho  
com que enche a casa, as salas e o telhado!

## MESTRE PEREIRA

Com que primor se move!  
Farda côm de pinhão, duas divisas,  
capinha pelos ombros, quando chove...  
Nos seus vagares bofa-se às pesquisas  
(que o secam e consomem!)  
de belas pedrarias, bons cristais.  
E lá vai de *Zanganho* a *Lamas de Homem*,  
e a muitas bandas mais!

Tudo vence, em jornadas corajosas:  
as serras perigosas,  
as vertigens da altura...  
— Como herói o destaque!  
Um rijo herói, de picareta e saco,  
acometendo as fragas com bravura!



## O FRUTUOSO

Figura rara!  
De fatiota branca, junto à bica,  
com bom sorriso e com lustrosa cara...  
— que bem que nesta galeria fica!

Famoso bemfeitor! Outro não topo!  
Outro não acho!  
É vê-lo a encher e a graduar o copo,  
mirá-lo de alto a baixo...  
e dá-lo, todo afável e cortês,  
aos aqüistas das Caldas do Gerez!

## O PADRE ZÉ

Arcaboço de serrano!  
Popular, todo bondade,  
mereceu sempre a amizade  
do povo gereziano.

Ainda monta o seu garrano  
a-pesar da sua idade;  
e ainda, a convite do abade,  
acolita às festas de ano.

Foi nos seus tempos felizes  
— com bons loiros o engrinaldo! —  
um certo caçador.

Abateu lebres, perdizes...  
Hoje goza, em *Rio Caldo*,  
vida de paz e de amor!

GEREZ ANTIGO



Dum velho manuscrito (\*)  
que, por feliz acaso, certo dia,  
veio parar à minha livraria,  
estas passagens cito:

A água famosa, que do mal liberta,  
— pura água de milagre,  
bem digna que se louve e se consagre —  
foi por mero acidente descoberta,  
em mil seiscentos e noventa e nove,  
— que a data novamente se comprove —  
pelo cirurgião  
Manuel de Faria. (Dá-lhe Tude,  
— que em *Serra do Gerez* ao caso alude —  
outro apelido; segue a opinião  
de Cristóvão dos Reis, um douto frade,  
que tratou do Gerez na antiguidade).

---

(\*) Ver nota final.

Esse cirurgião, nado em *Covide*,  
tal água aproveitou,  
e a maravilha dela comprovou.  
Era excelente! — que ninguém duvide  
ou faça juízos vãos —  
Pois quantos nos seus poços emergiram  
curados dos seus males se sentiram;  
de enfermos que eram se tornaram sãos.

Nessa época afastada  
o Gerez, ainda em tímidos alvares,  
não possuía estrada,  
mas sòmente caminhos de pastores.

O Homem, porém, tudo ousa  
e tudo vence com obstinação;  
e assim, o ilustre Dom João de Sousa,  
Governador das Armas que era então,  
rasgou veredas, aplanou ladeiras,  
dando passagem larga  
aos carros e liteiras  
e aos animais de carga.

Muito deve o Gerez  
— *Juressus* os latinos lhe chamavam —  
ao bom rei português  
Dom João Quinto, a quem apelidavam  
— com louvor merecido — de magnânimo,  
pela alma pródiga, largueza de ânimo.

O Gerez reconhece os benefícios  
que dêle recebeu, em seus inícios  
de bem-fadada estância,  
quando, impetrando graças, sacrifícios,  
a sua voz, em ânsia,  
se começava a ouvir já a distância...

— Voz do Gerez, piedosa e comovida!  
Voz aquecida pelo sol da serra,  
logo escutada, prontamente ouvida,  
(é forte a voz quando justiça encerra!)  
pelo ínclito monarca.  
Ei-lo que acode e o sítio próprio marca



para as casas de banho, junto à fonte;  
levanta sôbre o *Cávado* uma ponte,  
cedo alagada;  
lança os alicerces fundos do hospital,  
e edifica a capela venerada,  
pondo-lhe na fachada  
o seu brasão real.  
Capela simples, sem riqueza e côr;  
— agora transferida e acrescentada  
por um devoto, egrégio bemfeitor.

No Gerez não havia uma botica.  
Nesse tempo vendia um castelhano  
certas drogas — quais eram não se indica —  
por um preço arbitrário, deshumano.

Vê-se que possuía  
monopólio de tal mercadoria.  
Ai, daquele que a desse mais em conta!  
Estava condenado  
(o caso por estranho aqui se aponta)  
a ser da terra fora projectado!

Em mil e setecentos  
e oitenta e dois, havia no Gerez  
    (copio em meus assentos)  
oitenta casas — número, talvez,  
    um pouco exagerado.  
Eram dum só sobrado,  
    — visavós das de agora! —  
(Das mais simples e pobres, se corrija)  
de interior caiado, e pedra rija,  
    mal polida, por fora.

Serviam elas de poisada rude  
    a entrevados, reumáticos,  
    e, sobretudo, hepáticos,  
que na linfa termal buscavam saúde.

Fidalgos de alto fômo,  
eram levados numa cadeirinha  
para os banhos; os pobres, nem sei como!  
    E enquanto os gran-senhores

nos poços de água quente mergulhavam  
os corpos enfermiços, sofredores,  
criados armados, polvorinho ao cinto,  
a pé firme velavam,  
sobrolho carregado,  
p'ra que ninguém entrasse no recinto  
a seus ilustres amos reservado...

Os naturais da serra se vestiam  
não de forma galharda,  
pois com luxuosos trajés não podiam,  
mas de «saco grosseiro».  
Industriados e hábeis na espingarda,  
(como todo o serrano)  
seu tiro era certeiro;  
se erravam, o defeito era do cano.

Agricultavam bem a sua terra,  
bom centeio colhendo, azeite e vinho,  
e «sazonadas frutas», milho e linho.  
Em locais escolhidos e abrigados,  
finham muitas colmeias pela serra,  
de que extraíam abundante mel,  
e inúmeros rebanhos, confiados  
à boa guarda dum rafeiro fiel.

Nos seus apriscos simplesmente entravam  
ovelhas pretas (cito o pormenor);  
sem se saber a causa, rejeitavam  
as que tivessem diferente côr.

À iralha e à pluma  
pescavam pelo *Caldas*, todo espuma,  
bogas e trufas, saborosas, cheias;  
e pelo *Cávado*, mas neste à rêde,  
salmões, lampreias.

Nas suas montarias, com que sêde  
perseguiam o lôbo esfomeado!  
E com que febre  
rompiam fogo ao javali e ao veado,  
às perdizes e à cabra, ao coelho e à lebre!

Seu govêrno, de forma democrática,  
era confiado à prática  
e saber dos anciãos,  
— juízes sãos, de bons conhecimentos!  
E tão justos, que nunca os julgamentos  
eram errados, vãos. . .

Nesse Gerez de matas frondejantes,  
carvalhos seculares,  
se registavam, por alguns lugares,  
notas interessantes.

Em *Passos* uma abóbada existia  
aberta em plena, funda serrania,  
e que por duas léguas se estendia  
até ao *Caldas* — rio que se vence  
(de pequenino que é), quâsi dum salto...  
Essa abóbada tinha (não se dispense  
o informe, que por certo não errava)  
uns quatro pés de largo e sete de alto.  
Era por êsse corredor sombrio  
que a moirama — segundo se contava —  
vinha buscar, a ocultas, água ao rio.

Nas *Lameiras dos Tojos*  
as ruínas se viam, denegridas,  
de casas destruídas,  
bem como outros despojos.

O povo remirava, alucinado,  
    essas pedras soturnas...  
E afirmava, convicto, serem urnas  
    de dinheiro encantado.

Em plena solidão,  
lá onde a serra se ergue em forma de onda,  
se avistavam cabanas de pastores,  
    «de figura redonda»,  
construídas de pedra e de torrão.  
A porta obedecia a tais rigores  
que se tornava difícil seu ingresso,  
e só quem se servisse do processo  
do réptil, que rasteja pelo chão,  
a venceria, e doutra forma não.

Na *Fonte das Maçãs* havia sete,  
(que eram casas de moiros se dizia,  
mas um tal êrro já se não comete)  
e uma em *Cizelo*; — e ainda outras haveria,  
abrigoando os pastores das nevadas,  
    borrascas traiçoeiras,  
por essas fartas chãs, poetizadas  
    de velhas carvalheiras...



•  
\*   \*   \*

Ainda se viam em *Albergaria*  
ruínas duma ponte, em cantaria,  
—obra que fôra de lavrado adôrno—  
edificada sôbre o rio *Forno*.  
Nesse lugar se achavam os vestígios  
—os restos dum passado de fastígios!—  
da grande estrada  
romana, em parte ainda bem lajeada,  
que atravessava até Orense, e ali  
a ponte de Trajano recebia.  
Catorze marcos ou padrões havia,  
nove de pé (alguns há pouco vi),  
e prostrados os mais; em três se lia  
—o tempo foi para êles menos fero!—  
o nome de Adriano, António Pio  
e Sêptimo Severo.

Em *Sam Miguel*, junto ao formoso rio,  
as ruínas se viam doutra ponte,  
sôbre as quais, um carvalho corpulento,  
—merece que se conte—

parecia abraçar o firmamento...  
É a uns passos mais andados, na *Portela*,  
onde a nossa terrinha amada e bela,  
de tanto andar, cansada se detém,  
se viam mais padrões; um, levantado,  
glorificava, pela serra além,  
de Marco Aurélio o nome venerado.

A *Calcedónia!* Morros soberanos!

Dizia a tradição  
ter sido uma cidade dos romanos.

Tejolos pelo chão,  
restos ainda de muros, uma porta...  
Fortaleza ou alcácer? (Não importa  
aqui averiguar.)

*Calcedónia!* Deixemo-la ficar,  
com seus penhascos, sua agreste fenda,  
no aroma dum sorriso e duma lenda!

\*  
\*   \*  
\*   \*   \*

As serras de *Leonte*  
que parecem poisar a altiva fronte  
no regaço do céu, azul e brando,  
produziam carvalhos abundantes.

(Havia um, pelos baixos,  
de tronco formidando  
e proporções gigantes.)  
Produziam, também, «silveiros machos»;  
«betulas alvas», ramos bem ornados;  
e feixos de ar risonho,  
hirtos, imóveis, como extasiados  
nessa paisagem de beleza e sonho...

Serras altas,—que a musa as erga e cante,  
numa ode sinfónica!—  
eram férteis de plantas: a verónica;  
a cicuta mortal; e de embriagante  
e saboroso fruto,  
(puro manjar dos deuses o reputo!)  
o arando, que também  
de uvas do monte o lindo nome tem.

Foi sempre a serra fértil em cristais,  
rico minério e outras espécies mais.

Pelo extremo das *Fontes* existiam  
— faço um exame rápido, analítico —  
grandes pedras de quartzo estaloclítico  
que esplendorosamente refulgiam;  
vermelhas umas, outras azuladas,  
eram dignas de ser apreciadas.  
As brancas, que ao de leve mal figuro,  
    prendiam a atenção  
pelo seu brilho e fina incrustação  
    de calcedónio puro

Havia em *Chelo*  
(o que a terra produz em seus arcanos!)  
cristais duma só ponta, com «seis panos»,  
    desde o branco e amarelo  
    ao rubro e roixo.

Outros havia ainda com basaltos  
negros e mica argêntea, em tom mais froixo.  
Êstes cristais sofreram bons assaltos;  
aporfiados cêrcos lhes fizeram  
os povos de *Vilar*,  
que mal os conseguiam alcançar  
trafavam de os vender, tão belos eram.

Nesse mesmo local apareciam  
— em terrenos que as urzes mal cobriam —  
lavas porosas de vulcões extintos,  
dum cinzento indeciso, opaco, sujo,  
— vagos tons indistintos —  
como as do Etna e Vesúvio.

Pelos montes de *São João da Cova*  
(Outrora de *Ribeira de Soaz*,  
e hoje de *Vieira* — vila alegre e nova,  
tôda frescura e paz),  
uns cristais se encontravam,  
que os velhos do lugar denominavam,  
sem saber a razão,  
«pedras contra o trovão».

Na *Portela das Moutas*  
 se assinalava um veio de «granites».  
 (Diz Ferber — e outras sumidades doutas  
 que ao estudo se lançam, com fadigas,  
 da geologia, em seus complexos ramos —  
 que as «granites são pedras mais antigas  
 e abundantes do globo que habitamos,  
 pois delas se formavam as montanhas  
 de grandezas estranhas»).

Apareciam no lugar de *Passos*,  
 «petrosiles» curiosos, semelhantes  
 à pederneira, no vigor dos traços;  
 e pelas ribas ou planuras rasas,  
 vários fósseis concretos, com brilhantes  
 figurações — pequenas conchas, asas.

Da *Fonte das Maçãs* para a *Teixeira*  
 —lugares de água alegre, palradeira,  
 ensombrados de bosques, medronhais—,  
 belas estalactites  
 se encontravam, cravaças de cristais;  
 composições de espató e malaquites,  
 sílices, e outras variedades mais.

Pelas *Barrendas*,  
(ignoro o ponto exacto)  
havia areia de oiro num regato  
que, lépido, corria  
por entre as fendas  
da montanha bravia.

E por *Vilar da Veiga* — finalmente —,  
no píncaro da serra, agreste e calvo,  
— a Natureza, que prodígios obra! —  
fulgia, rastejando como cobra,  
longo veio de pórfiro, rubente  
e alvo...



•  
• •

O cansaço me invade.  
Findo estas notas dum sabor diverso.  
Umãs terão, por certo, novidade;  
outras o mérito de as pôr em verso.

Ao peito do Gerez as arremesso  
como rosas de pálido fulgor.  
Lanço os olhos à Serra, com amor...  
E dela com saüdades me despeço!

1938.

LAUS DEO.



## NOTA FINAL

O *Gerez Antigo* foi baseado no «Diario Philosophico da Viagem ao Gerez que por mandado de Sua Alteza Real o Serenissimo Senhor Dom Gaspar Arcebispo de Braga Primaz das Hespanhas fizerão o Dr. Manoel Joaquim Maya Coelho incumbido das observações mathematicas, e Joaquim Vicente Pereira Araujo das philosophicas no anno de 1782».

Compõe-se êste pequeno manuscrito de 16 parágrafos e 29 páginas, tendo no final da última a assinatura, por extenso, de Pereira Araújo, seu autor, desconhecido de Inocência e Brito Aranha. Reputamos êste trabalho inédito, à parte vários extractos e os parágrafos 10 a 12 que Pedro Augusto Ferreira, douto abade de Miragaia e continuador de Pinho Leal (<sup>1</sup>), copiou quasi na íntegra

---

(<sup>1</sup>) Pinho Leal faleceu em 2 de Janeiro de 1884, ficando o *Portugal Antigo e Moderno* pelo meio do tómo X. Pedro Ferreira deu-lhe continuação, finalizando a obra com o tómo XII. (Ver *Dicionário Bibliográfico*, págs. 187 e 188, t. XVII.)

ao tratar de *Vilar da Veiga*, a cuja freguesia o Gerez pertence.

O precioso manuscrito, que foi do referido abade— como o comprova o seu *ex-libris* carimbado na primeira página —, está hoje na nossa posse, e achamo-lo tão curioso que adaptamos ao verso algumas das passagens que mais nos interessaram.

Sôbre o mérito da obra somos do parecer de Pedro Augusto Ferreira que a reputa «uma descrição ligeira, mas conscienciosa, da montanha e das Caldas do Gerez em 1782».

## ÍNDICE

	Págs.
<i>Gerez</i> . . . . .	9
Vida ideal . . . . .	11
Serrana . . . . .	13
Hino às montanhas . . . . .	14
Os pastorinhos . . . . .	15
Santa Eufêmia . . . . .	17
Assalto à <i>Nevoza</i> . . . . .	19
Sonetos à paisagem . . . . .	23
Tempo de sol . . . . .	25
Chã de Leonte . . . . .	27
Serras do <i>Gerez</i> . . . . .	28
Carta . . . . .	30
Do alto da Serra . . . . .	33
Poço Verde . . . . .	35
Rio sem água . . . . .	36
As duas rainhas . . . . .	39
<i>Pax</i> . . . . .	40
Ponte Feia . . . . .	42
Perfil dum benemérito . . . . .	43
A <i>Borrageira</i> no inverno . . . . .	44
Lua do <i>Gerez</i> . . . . .	45
Serra amorosa . . . . .	47
Quelha Verde . . . . .	48
Na <i>Pedra Bela</i> . . . . .	49
A lenda da freira . . . . .	50
Resposta a um amigo . . . . .	51

	Págs.
Uma tarde na Avenida . . . . .	54
Quadras soltas . . . . .	57

### Retratos:

Link . . . . .	67
Manuel de Arriaga . . . . .	68
Artur Loureiro . . . . .	69
Ramalho Ortigão . . . . .	70
Ricardo Jorge . . . . .	71
Padre Martins Capela . . . . .	72
Tude de Sousa . . . . .	73
Alberto de Magalhães . . . . .	74

### Aldeias e lugarejos (Gerez e arredores):

Carvalheira . . . . .	77
Covide . . . . .	79
Ermida . . . . .	81
Freitas . . . . .	83
Paredes . . . . .	84
Rio Caldo . . . . .	86
Sá . . . . .	87
Sam João do Campo . . . . .	89
Vilar da Veiga . . . . .	90
Vilarinho da Furna . . . . .	91

### Figuras populares:

Mestre Serafim . . . . .	95
O Eiras . . . . .	96
Mestre Silva . . . . .	97
O Manuel <i>Guarda-fios</i> . . . . .	98

	Págs.
O Espada . . . . .	100
O Bernardino . . . . .	101
Mestre Pereira . . . . .	102
O Frutuoso . . . . .	103
O Padre Zé . . . . .	104
<b>Gerez antigo . . . . .</b>	<b>105</b>
Nota final . . . . .	129





ACABOU DE SE IMPRIMIR  
ÊSTE LIVRO NO DIA 23 DE  
MARÇO DE 1939, NAS  
GRANDES OFICINAS  
«MINERVA», DE GASPAR  
PINTO DE SOUSA & IRMÃO,  
DE V. N. DE FAMALICÃO.

---

EDIÇÃO DO AUTOR

---





